

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

GAIO VALÉRIO FLACO

CANTOS
ARGONÁUTICOS

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS
MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

Gaio Valério Flaco

Cantos Argonáuticos
Argonautica

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS DE
MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR
Universidade de Coimbra e Universidade Federal de Minas Gerais



Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUJEITOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

TÍTULO • CANTOS ARGONÁUTICOS - ARGONAUTICA

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E NOTAS: MÁRCIO MEIRELLES GOUVÊA JÚNIOR

AUTOR • GAIO VALÉRIO FLACO

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS - TEXTOS

COORDENADOR CIENTÍFICO DO PLANO DE EDIÇÃO: Maria do Céu Fialho

CONSELHO EDITORIAL

José Ribeiro Ferreira

Maria de Fátima Silva

Francisco de Oliveira

Nair Castro Soares

DIRECTOR TÉCNICO: Delfim Leão

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

E-mail: imprensauc@ci.uc.pt

Vendas online:

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Simões & Linhares

ISBN

978-989-26-0512-8

ISBN DIGITAL

978-989-26-0780-1

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

DOI

<http://dx.doi.org/>

10.14195/978-989-26-0780-1

CONCEPÇÃO GRÁFICA & PAGINAÇÃO

Rodolfo Lopes & Nelson Henrique

PRÉ-IMPRESSÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

DEPÓSITO LEGAL

358451/13

1ª EDIÇÃO: CECH • 2010

2ª EDIÇÃO: IUC • 2012

3ª EDIÇÃO: IUC • 2013

© ABRIL 2013.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS (<http://classica digitalia.uc.pt>)

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural por via de *e-learning*.

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO GERAL	9
Sandra Maria Gualberto Bianchet	
INTRODUÇÃO	15
<i>CANTOS ARGONÁUTICOS - ARGONAUTICA</i>	
CANTO I	31
CANTO II	65
CANTO III	89
CANTO IV	117
CANTO V	145
CANTO VI	171
CANTO VII	199
CANTO VIII	223
BIBLIOGRAFIA	241

Agradecimentos:
Aos meus orientadores nos mestrados,
Doutora Sandra Bianchet
Doutor Carlos Ascenso André

O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal dado às Musas, desembarca com D. Pedro no Mindelo, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o Anti-Frade, e depois das Guerras Civis arrasta uma existência reumática em Santa Irenéia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernáculo, com um léxicon e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus.

A Ilustre Casa de Ramires – Eça de Queiroz

APRESENTAÇÃO

Em que reside o encantamento de se ler, hoje, no século XXI, a tradução de um texto épico escrito em latim há quase 20 séculos, que revisita e reescreve mitos e lendas de heróis gregos, quase tão distantes do século I quanto agora o é de nosso tempo o texto original da tradução que aqui se apresenta? Não seria essa apenas mais uma versão da notabilíssima história da viagem dos argonautas à Cólquida, em busca do velocino de ouro, e dos desdobramentos da tumultuada relação amorosa entre Jasão, o chefe da expedição, e a selvagem Medeia? Não seria essa obra apenas mais um produto do esforço emulatório de um escritor romano da “decadente” época flávia a partir da obra homônima escrita por Apolônio de Rodes? Não há dúvida de que a resposta a cada uma dessas perguntas – ou, melhor dizendo, provocações – é não. Apesar do inquestionável culto ao princípio da *imitatio*, que, de resto, era parte integrante do fazer poético na antiguidade, Valério Flaco, em seus *Argonautica* (*Cantos argonáuticos*), deixa a marca evidente de sua originalidade, mormente ao apresentar ao leitor um novo modelo de herói, anacronicamente revestido de diversas *uirtutes* caras aos romanos.

A obra de Valério Flaco certamente traz em si a memória de toda a produção literária – épica, em

particular, de Homero a Lucano – a que o autor flaviano teve acesso, e não é difícil identificar ao longo dos *Cantos argonáuticos* a retomada dos paradigmas estabelecidos por seus antecessores, principalmente por Virgílio. Mas traz também a marca do novo, das tendências estéticas literárias então florescentes, num claro movimento ora de aceitação, ora de rejeição, ora de inovação em relação ao cânone literário.

Sob essa perspectiva, o verso inicial da narrativa épica de Valério Flaco, de certa forma, pode ser interpretado como esclarecedor do alcance e da sublimidade da obra pretendidos:

Prima deum magnis canimus freta pervia natis.

O caráter sublime da épica se revela através da cuidadosa escolha lexical na composição do verso 1: os três primeiros vocábulos põem em destaque a primazia (*prima*), a superioridade (*deum*) e a grandiosidade (*magnis*) da narrativa que se inicia; o quarto vocábulo, por sua vez, reforça a firme vinculação com o ritmo e a musicalidade do canto bélico: o poeta não *diz*, não *narra*, não *informa*, apenas; o poeta *canta*.

Mas seremos, nós, leitores do século XXI, capazes de compreender a obra de Valério Flaco para além do enredo, dos episódios eróticos e das digressões de caráter mitológico? A presente tradução poética dos *Cantos argonáuticos*, a primeira em língua portuguesa de que se tem notícia, se nos apresenta como uma via segura de acesso não só às informações do argumento, mas também ao som, ao ritmo, à cadência, enfim, à musicalidade do poema épico. Através da manutenção

da dimensão sonora, o ritmo do poema não se perde – cria-se um novo ritmo, dentro dos parâmetros prosódicos do novo código linguístico, do novo lugar do texto poético.

Esta tradução poética dos oito cantos dos *Cantos Argonáuticos*, feita a partir do texto estabelecido por Ehlers na edição da *Bibliotheca Teubneriana*, representa o resultado bem-sucedido de um trabalho acadêmico levado a cabo com esmero em relação ao texto latino e com sensibilidade poética. Tal como um intrépido marinheiro, o tradutor Márcio Meirelles Gouvêa Júnior, mestre em estudos clássicos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG e em Cultura Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fez a opção, corajosa, pelo verso metrificado, e, com sua bravura, consegue preservar do “naufrágio” o caráter imponente e sublime do canto épico, reproduzindo em língua portuguesa o ritmo marcial e a musicalidade encontrados no original latino. A escolha do metro dodecassílabo, nas modalidades formais 4x4x4, ou 6x6, com cesura, permite manter a correspondência verso a verso, original e tradução – para cada hexâmetro, um dodecassílabo – sem dispensar a propalada *brevitas flaqui*ana.

De fato, o tradutor é um leitor que se impõe a tarefa de externar sua leitura, com as impressões e, algumas vezes, imprecisões, decorrentes da própria situação de distanciamento temporal e cultural em que texto de partida e texto de chegada se encontram.

Assim, antes de tudo, o tradutor é um leitor, poder-se-ia dizer, diferenciado, que tem o privilégio (ou seria ousadia?) de concretizar uma experiência de leitura que é sua, que é interior. Aqui, através de suas escolhas sintáticas, lexicais e rítmicas, o tradutor processa o signo poético e, com engenho, abre a via para o inacessível, sem relevar as perdas e ganhos inerentes ao processo tradutório. Dessa maneira, estabelece ele, tradutor-já-agora-autor, a aproximação da tradução com o texto de Valério Flaco. Destaca-se o cuidado com a correspondência entre o metro e o gênero da poesia adotados; com a expressão adequada do imaginário da sociedade romana da época e de suas crises políticas, crenças e desejos; e, principalmente, com os elementos rítmicos: som e sentido se associam e se complementam.

Se toda tradução representa uma versão, uma dentre as várias possíveis opções de transposição de um texto para outra língua, o leitor da presente tradução dos *Cantos argonáuticos*, indubitavelmente, terá acesso a uma versão brilhante da obra e certamente não terá suas expectativas frustradas, se o desejo é o de se deleitar com o valor poético de que os *Cantos argonáuticos* se revestem.

Retomemos, por fim, a pergunta inicial: em que reside o encantamento de se ler, hoje, no século XXI, a tradução de um texto épico escrito em latim há quase 20 séculos, que revisita e reescreve mitos e lendas de heróis gregos, quase tão distantes do século I quanto agora o é de nosso tempo o texto original da tradução

Não elegi as terras médias nem os campos 510
 De rica plaga (os tenham Tróia fertilíssima,
 Vossos Pelópidas e os Líbios): ocupamos
 Campos e rios que com sevo gelo oprimes.
 E ele os daria, e além iria sem honor!
 Porém, acima, há a enevuada e opaca zona 515
 Que reverbera minhas luzes! Por que a cruel
 Região? Por que o bárbaro Fase, aos outros rios,
 Ou minha prole às outras gentes incomodam?
 Por que queixar-se os Míniás podem? Ganhou Eetes
 À força o velo? Antes, deixou unir-se às tropas 520
 O fugitivo; e o não levou às aras de Ino.
 Porém, retendo-o co' o império e a mão da filha,
 Agora os netos vê, da linhagem dos gregos
 Aos quais de genros chama, e às terras de sua gente.
 Muda o rumo da nau, Pai. Com nossas feridas 525
 O mar não abras. Sabem bem da dor os bosques
 Do Pó e, ao pai vendo, as irmãs⁶⁵ que lamentavam”.
 Brame e sacode a testa o deus belipotente
 Que vê o tosão, seu dom, ameaçado. Contra
 As queixas deles gemem Palas e a Satúrnia. 530
 E o Pai: “Desígnios meus antigos, todos seguem
 Em ordem; desde o início do curso das coisas,
 Fixos mantêm-se; não havia inda na terra
 Meu sangue, quando eu dei o Fado. Com justiça,
 Assim, reis vários eu dispus por tantos séculos. 535
 Porém, repetirei as leis de meus decretos.
 Faz tempo que a região que do Euro imenso desce

⁶⁵ As filhas do Sol, que choram pela morte de Faetonte.

Ao mar de Hele e até ao Tanai é rica em potros
 E varões, contra a qual nenhuma tropa ousa
 Desafiar ou buscar nome pela guerra. 540
 Os Fados e eu favorecíamos tais plagas,
 Mas chega o sumo dia e deixamos a Ásia
 Que cai – os gregos já reclama-me seu tempo.
 A trípode, o carvalho e as almas de ancestrais
 Ao mar lançaram esta tropa. É aberta a ti, 545
 Belona⁶⁶, a via pelas ondas e tormentas.
 Nem tanto o velo indigna, ou mais aquela dor
 Pela raptada virgem, mas (sentença alguma
 Me é mais firme) virá um pastor do Ida frígio
 Que levará aos gregos ódio e iguais presentes⁶⁷, 550
 Em mútuo dom. Que guerras entre os pretendentes!
 Quantos aqueus chorando vês no inverno teucro,
 Dos deuses quantos filhos nobres! Quantas tropas
 Movendo, e a Ásia a ceder aos grandes Fados...
 Daqui se assenta o fim dos dânaos; a outros povos 555
 Depois protegerei. Abram-se montes, selvas,
 Lagos e atóis. Medo e esperança haja p'ra todos.
 Movendo postos e fronteiras, como árbitro,
 Escolherei mais largos reinos para os povos
 E, quando certo, deixarei as dadas rédeas”. 560
 Os olhos volta ao mar Egeu e, vendo a hercúlea
 Maça e os filhos de Leda⁶⁸, assim diz: “Aspirai,
 Heróis, aos astros. Coube a mim o primo reino

⁶⁶ Deusa da guerra, irmã de Marte.

⁶⁷ Referência irônica quanto ao rapto de Medeia, que seria compensado no futuro pelo rapto de Helena.

⁶⁸ Cástor e Pólux.

Após as lutas contra Jápeto e os trabalhos
 Flegeus⁶⁹. Tracei p'ra vós um rude e árduo caminho 565
 Ao céu. Assim, corrido o mundo, foi que o Líber
 E o experto Apolo regressaram”. Disse e um raio
 Lançou, a iluminar as nuvens com um grande
 Sulco pelo ar, que se fendeu próximo à nave
 E aos dois tindáridas chegou; em meio às frentes 570
 De ambos irmãos pousou tranquilo e, ao
 mesmo tempo]
 Espalhou-se uma luz purpúrea inofensiva
 Que os pobres nautas suplicar um dia iriam.
 No entanto, vendo aceita a vela em meio ao mar,
 Bóreas, feroz, do alto Pangeu, incontinenti, 575
 Se lança à Eólia e às cavernas da Tirrênia.
 Sob as asas do deus a mata toda geme,
 Os grãos se espalham; sob o vôo, o céu negreja.
 Na água trinácia, onde o Peloro foge ao longe,
 Se ergue um rochedo, horrendo ao ponto:
 o quanto eleva-se]
 No céu, o mesmo tanto, afunda-se nas ondas. 581
 Junto há outra terra – rochas e antros não menores;
 Habita aquela o nu Pirácmon e Acamante⁷⁰;
 Ventos e nuvens esta, e tromba quebra-barcos;
 Dali, ao mar profundo e às terras é a passagem; 585
 Ali, outrora, o céu e o pélagos encrespado
 Se misturavam (Éolo ainda os não regia
 Quando arrancava o Calpe à Líbia o estrangeiro

⁶⁹ Flegra: cidade da Macedônia onde teve lugar a luta entre os Gigantes e os deuses.

⁷⁰ Ciclopes ferreiros de Vulcano.

Oceano; quando a Enótria, a chorar, à Sicília
 Perdera e as ondas adentraram nos rochedos), 590
 'Té que, do céu, o Onipotente trovejou
 E aos ventos pávidos deu um rei, a quem temesse
 A seva coorte. Logo o ferro e um duplo muro,
 No monte, o Euro prendem. Quando já não pode
 Tolher os sopros, chega o rei; os claustros parte 595
 E, por querer, cessa o murmúrio abrindo a porta.
 O núncio Bóreas do alto trono o faz descer:
 “Éolo, que horror vi do Pangeu” diz. “Jovens gregos,
 Que nova máquina fizeram co’o machado,
 E alegres domam, co’um veleiro imenso, as águas. 600
 A liberdade de agitar o mar no abismo
 Não tive, preso, como estava, por correntes.
 Daí, a fiança dos varões no barco feito
 E sua audácia, pois vêem Bóreas sob um jugo.
 Dá-me afundar gregos e nau – filhos não movem-me⁷¹. 605
 Detém a ameaça enquanto é junto à orla tessália
 E as outras terras ainda não viram tais velas”.
 Rugiram todos ventos dentro; o mar pediam.
 Com retorcido furacão, a forte porta
 O Hipodate⁷² empurrou. Saem do cárcere Zéfiros 610
 E os corcéis trácios; Noto de asas cor da noite
 Co’as filhas nuvens; por tormentas desgrenhado,
 O Euro de testa amarelada pela areia.
 Trouxeram tempestade! À praia, com ribombos,
 Juntos as vagas levam; não somente agitam 615
 O reino do Tridente – o ígneo céu desaba

⁷¹ Zetes e Calais.

⁷² Éolo.

Co'um trovão. Noite, em negro céu, a tudo oprime.
 Arrancam-se das mãos os remos, guina a proa;
 Ressoantes baques, de través, sente o costado;
 A volitante vela sobre o mastro trêmulo 620
 O vento arranca. Horror aos Míncias, que fremiam
 Quando na escuridão coriscos refulgiram
 E caíram diante à nau. Adernando a bombordo,
 Co'a verga o mastro agüenta a onda que se racha.
 Ignaros pensam que a tormenta e os ventos sejam 625
 Só erguidos pelo mar; então murmuram tristes:
 “Era o que nossos pais temiam: profanarmos
 Proibidas ondas co'os calabres. Ao soltarmos
 Da praia a nau, com que estridor alteou-se o Egeu!
 Nesta água as Ciâneas⁷³ não se chocam?
 Vem-nos, pobres,]
 Mar mais triste? Deixai no pélagos a esperança, 631
 Ó da terra, e de novo afastai-vos das ondas.”
 Repetem-no, chorando em morte vil tombarem.
 O Anfitrióniade⁷⁴ vê inúteis maça e flechas.
 Apavorados, uns adeus se dizem, outros 635
 Juntam as mãos e as bocas todas se fatigam
 Em mísera visão quando, a seguir, u'a prancha
 Solta-se e a nave, pela brecha, sorve o mar.
 Aqui e ali já o Euro açoita; se atirando,
 Já ao Noto e aos Zéfíros arrasta co'estrídor. 640
 Toda água ferve quando, súbito, Netuno
 Tirou do fundo a azul cabeça: “Minha irmã

⁷³ As Simplégades, rochedos moventes localizados à entrada do Bósforo.

⁷⁴ Hércules.

E Palas”, diz, “com choro o peito me acalmando,
 Vos salvam. Mas que as fárias naus e as tírias venham!
 Lícito o creiam; verei logo pelos ventos 645
 Velas roubadas e ondas cheias de clamores.
 Nem Órion ou o feroz Touro serão, co’as Plêiades,
 Causa de nova morte. Argo, da pobre gente
 A sorte aprestas; por teu mérito já, Tífis,
 Não quererão as mães o Elísio e as almas pias.” 650
 O deus sossega o ponto e a praia perturbada;
 Expulsa o Noto que, a seguir, co’o horror escuro,
 Co’a onda de úmidas entranhas e a borrasca,
 Juntos ao mar da porta Eólia se encaminham.
 Brillhou o aberto dia; o arco limpou os céus; 655
 Nuvens voltaram para os picos das montanhas...
 Já em águas calmas se alça a nave que, do abismo,
 Nereu – o sogro – e Tétis erguem com seus braços.
 Logo Jasão co’o sacro manto os ombros cobre;
 Segura a pátera esônia que, por dom 660
 De abrigo, alegre, Salmoneu dera, e ganhara
 O áureo carcás – inda não louco (quando a arma
 Fendida em quatro do alto Jove ideara ter –
 Rival de quem atroa o Ródope, o Ato e o bosque
 Da triste Pisa – ele queimara os campos Élidas). 665
 Liba com vinho o mar e assim começa: “Ó deuses,
 De quem é o mando das sonoras tempestades
 E das ondas, que têm por casa todo o céu;
 E tu, do Mar por sorte o Pai, e dos bifformes,
 Se foi um acaso a noite, ou se, volvido o céu 670
 Como ordenasse a obra divina e, em alternância,
 Ergueu-se o mar; ou se a visão nova do barco

E de armas e varões surgir as iras fez,
 Que expiado a culpa eu tenha, e teu nume, senhor,
 Que já melhor me seja. Dá voltar às terras 675
 Aos homens e abraçar o umbral da pátria porta.
 Por toda parte, honores muitos nutrirão
 Tuas justas aras; quanto em carros e cavalos
 Estás terrível – e Tritão segura os freios –
 Tanto é o fundar do culto teu por nossas urbes”. 680
 Clamor se ouviu e as mãos seguiram as palavras
 Do capitão: qual quando às messes e aos estábulos
 Sírio⁷⁵, devastador dos campos da Calábria,
 E a Ira dos deuses se arremessam, e os pastores
 Na mata unem-se e lhes dita os votos pios 685
 O sacerdote. Então, vêem Zéfiro descer
 Em suave queda; voa a nau a rédeas soltas,
 As ondas fende e espalha espuma na ênea proa.
 Tífis conduz e os homens, quietos, à ordem sentam-se,
 Qual, junto ao jóveo trono, as coisas são dispostas, 690
 Prontas p’r’o deus: as tempestades, ventos, neves,
 Os raios, o trovão e os rios nas nascentes.
 Mas, súbito, a apreensão, o medo a tudo aspérrimo
 E agouros maus Jasão abalam: atacando
 A régia prole, pelo embuste cruel do rapto 695
 De Acasto, os seus deixara à morte: em meio
 a um crime,]
 O fraco pai abandonara desarmado;
 Enquanto, ao longe, ele ia seguro, o furor todo
 Cairia neles – e ao futuro em vão não teme!
 Pélias irou-se. Viu, do monte, a imiga vela, 700

⁷⁵ Estrela da constelação de Cão.

Furioso, contra a qual não pôde se atirar.
 Não lhe serviram força ou reino. A coorte freme
 Pelo mar presa; a água reluz co'armas e tochas;
 Qual quando, do Ida aerissonante, o alado Dédalo
 Saltou com Ícaro de asas mais pequenas, 705
 Deixando as terras com u'a nuvem nova⁷⁶, em vão,
 A tropa grita e os cavaleiros, pelo olhar
 Exaustos, com os carcasses cheios à Gortina
 Voltam. No umbral, o rei, e no leito de Acasto,
 No chão tombado, beija os passos do rapaz – 710
 Inanes marcas. Co'as cãs soltas, a segui-los:
 “Talvez do triste pai a imagem e os suspiros
 De minha dor também te alcancem, filho”, diz,
 “Já vês o dolo e, em volta, as mil faces da morte.
 Seguir-te-ei, infeliz, por onde? Por quais praias? 715
 Esse feroz não ruma à Cítia, nem às portas
 Do mar; porém, cativo por falsos louvores,
 Duro ele fere-te, em tormento à minha idade.
 Se acaso fosse o mar por altas naus singrável
 Eu não teria, antes, mandado frota e jovens? 720
 Ai dos Penates sem a prole por arrimo”!
 Logo, ao minaz, terrível diz, com ira e fúrias:
 “Aqui, ladrão, as tuas fraquezas inda estão:
 Pranto e os queridos pais!” Assim, no alto palácio,
 Vai e vem bramindo, e a mais cruel das coisas pensa – 725
 Como o Tioneu⁷⁷, contra os culpados trácios, chifres
 Sevos lançou; e o triste Hemón com raivas mil,
 E o alto Ródope lamentam; tal qual fogem

⁷⁶ A sombra provocada pelo vôo de Dédalo e Ícaro.

⁷⁷ Baco.

Mulher e filhos de Licurgo pelos pórticos.
 Prestava, então, culto ao tartáreo Jove e aos manes 730
 Do Estige Alcímede, ansiosa pelo filho,
 Para, nas sombras invocadas, mais prever.
 A esposa leva facilmente o próprio Éson –
 Par na aflição, co' o coração preso por medos.
 Na cova, o sangue e a oferenda ao Fleguetonte⁷⁸ 735
 Oculto empoçam; com feroz tumulto, a velha
 Tessália chama os avós mortos e da grande
 Pleione⁷⁹ o neto. Os tênues vultos aos encantos
 Já invocara, e Creteu, olhando o filho e a nora
 Tristes, libando o sangue, coisas tais mostrou: 740
 “Não temais! Voa ele no mar. Quanto se adianta,
 A Éa mais se espanta ante os prodígios vários
 Dos deuses: movem, aos cruéis colcos, oráculos.
 Avança com que sorte! Horror alcança os povos.
 Voltará logo, com espólio cítio e noiva, 745
 Soberbo – então, eu quererei romper as terras.
 Mas, contra ti, fraterna luta e triste crime
 Furioso o rei prepara e o fogo da ira acende.
 Por que não roubas a alma e foges lesto ao corpo?
 Vai, que és meu. Já no bosque esperam-te os silentes 750
 E Éolo, meu pai, que nos secretos campos voa.
 Tremeu, no ínterim, a infeliz casa, ao supremo
 Gritar dos servos. Pelos muros rumor corre
 Que o rei prepara tropas mil e já as comanda.
 O ardente altar, a veste e o bosque, presto Alcímede 755
 Logo abandona e Éson, temendo, em volta espreita

⁷⁸ Rio do Inferno.

⁷⁹ Mercúrio.

Da mãe, e os chifres do imolado touro somem;
 E, não menos, na praia os velhos dispersados
 Amigas tropas vendo, as costas, por horror,
 Voltaram. Estendendo a destra diz Jasão:
 “De quem fugis? Quisera eu e os meus morrêssemos 270
 Nessa chacina. Um deus cruel nos envolveu.
 Os Míncias somos, somos tropas hospedadas.
 Por que tardamos honra e piras reverentes?”
 Então, se arrojam, com lamentos, sobre os lívidos
 Montões de mortos. Na alta ruma, a mãe conhece 275
 Os seus tecidos, e a mulher, os seus regalos.
 O pranto segue pelo mar a todo o céu.
 Uns seguram o choro, e as chagas borbulhantes;
 Os olhos, outros, com a mão já tarde cerram.
 Contudo, achado o rei exangue em meio às pilhas 280
 Como se tudo, em triste pranto, se calasse,
 Assim, é a dor das mães, dos servos e de todos,
 A um só voltada. Em torno os Míncias permanecem.
 Com mentes tristes, choram nefas e a hasta esônide;
 E, ao capitão, a acerba sorte eles consolam. 285
 Ao ver daquele, pelo sangue a coma dura,
 As faces pálidas e, ao caro peito, o dardo –
 Mas não do anfitrião o anterior semblante –
 Lamentou-se e falou, abraçado ao amigo:
 “A noite, ó mísero, te toma sem que saibas 290
 De tanto horror, sem reclamares nossos pactos.
 Porém, funesta, vem-me a Aurora! Ah, mas que digo!
 A que refúgio conduzira-me a Fortuna!
 (Faltou só isso ao Fado!) Esperei que pudesses
 Por minha mão morrer? Assim deixei tua terra? 295

Se a guerra só durou por agradar aos deuses,
 Mais justa não seria, amigo, a morte minha
 E que teu erro antes agora me chorasse?
 Do deus de Claro a cova e o carvalho de Jove
 Eu não censurarei? Tal luta e tal triunfo 300
 Por sorte davam-me? Tamanho horror os vates
 Me esconderam, cantando o fim de velha pátria
 E agrura tanta? Por sinistros deuses visto
 Foi meu comando? Que retorno? A mim, qual terra
 Irá acolher e não vedar-me a prima areia? 305
 Cuidaram deuses que a esta praia eu não tornasse
 Saqueada a crítica riqueza e as margens fásicas,
 E então, não viesse, vingador, aos teus imigos.
 Porem é lícito estreitar contigo as faces,
 Juntar os peitos e abraçar-te os membros pálidos. 310
 Eia, voltei os troncos fúnebres à praia.
 A fogueira comum acendei. Oferendas
 Prestai – as que daria à nossa pira Cízico!”
 Alhures, Clite, sobre a face do marido
 Deitando a coma, em pranto chama as tristes mães 315
 E diz: “Esposo, à flor da idade arrebatado,
 A tudo levás! Gáudio ou filho algum de ti
 Não hei que, triste, a mim console agora, ó bom,
 A mitigar tua sorte e dando alívio ao luto.
 Migdônias¹⁹ tropas me furtaram o pai e, há pouco, 320
 Ao lar natal, as triste lutas; por ocultas
 Flechas da Trívia, a mãe, tocada, pereceu.
 Tu, meu marido, qual irmão e pai, sozinho,

¹⁹ Mígdon, rei da Frígia.

Foras-me a única esperança à juventude.
 Ai, me abandonas e à cidade um deus solapa. 325
 Mas não te vi em meio à morte ao menos, Cízico,
 Estendendo-me as mãos, nem conselhos colhi.
 No leito, há pouco, me queixando de tardares,
 Livre do medo, por que não te recebi?"
 Co' o gêmeo Cástor, triste, Pólux a levanta, 330
 Que, em se afastando, abraçado traz-lhe o colo.
 Desnudos montes, no entretempo, elevam piras;
 As ornam à porfia e, magoados, depõem
 No topo os corpos. Cabisbaixo, o corcel marcha
 E não demoram nem matilhas nem rebanhos 335
 Ao sacrifício: a cada qual força, Fortuna
 E os cuidados dos seus. No monte, o rei se eleva.
 Ergue-o o Esônide, a cabeça sacudindo
 Entre soluços; e o repõe em celsa púrpura;
 Oferta ardente veste, em ouro e búzio ornada 340
 Que, ao chamar do Austro, dos tesouros subtraiu
 Hipsípila. Elmo e talabarte ao rei lançou.
 Este, co' o rosto p'ra cidade sua voltado,
 Empunha o cetro que os antigos reis traziam:
 Porque sem filhos, e por isso, sem parentes, 345
 Leva consigo a honra insigne dos avós.
 Armados Míniás vezes três rodas formando,
 Batida, a pira estremeceram. Soante, a tuba
 O céu lutuoso atroa. Em supremo clangor,
 Lançaram tochas. A obra toda, então, nos ventos 350
 Se desfez, e reluz o mar co'as altas chamas.
 Por certo, tudo ao povo e ao jovem se guardava
 Dês que no Pélio monte a árvore tombara:

No mar os raios, vôos minazes e os presságios
 Disseram-no, mas quem não refuta os primeiros 355
 Sinais dos deuses e anos muitos não se augura?
 Já todo honor é feito em cinza. Em passos tristes,
 Ruídas mulheres vão co'a prole. O vau se aquieta
 Ao pranto da vigília: igual se cala Mênfis
 Na primavera, já migradas p'r'o Arcto as aves, 360
 E a antiga foz do soalheiro rio Nilo.
 Mas nem o dia, nem a noite que é mais dura
 Nas aflições livrou-os da imagem da matança.
 Duas vezes chama o vento, mas não há confiança
 Nos tristes homens; de incerteza a mente toma-se 365
 E nem o choro todo ou tudo dado aos mortos
 Julgam bastantes. Longe é a pátria, e o amor aos feitos
 Se esvai e ajuda a enlanguescer em luto apático.
 Também Jasão, posto a tristeza deva ser
 Num capitão contida e presa em face calma, 370
 Às ternas lágrimas se entrega e dor demonstra.
 Levando, então, à oculta praia o fêbeo Mopso,
 “Que peste é essa”, diz, “Que intentos têm os deuses?
 Dado por sina vem o medo, ou os corações
 Tardam por si? Por que da fama e lar imêmoreos 375
 Nos angustiamos, ou qual fim trará a inação?”
 E Mopso, a olhar o céu: “Direi e ensinarei
 O mal e as causas. Se agüentamos mortais membros,
 O breve acaso e a duração do curto Fado –
 Nós antes fogo companheiro do alto Olimpo – 380
 Juntar os mortos ou expulsar com ferro as almas –
 Germe que ao céu há de tornar – não é direito.
 Porquanto em vento e ossos finais não desfaçamo-nos,

Dor e ira se mantêm. Quando chegam, depois,
 Ao Jove trono e o triste fim em queixas mostram, 385
 Da morte a porta se lhes abre e regressar
 De novo é permitido. U'a das irmãs²⁰ por sócia
 Une-se, e juntas correm terras e o oceano.
 Cada uma envolve o imigo peito e seu algoz
 Em dor e afligem-nos com vários justos medos. 390
 Mas os que em sangue involuntário as mãos molharam –
 Se a cruel sorte, ou quase u'a culpa, fê-los míseros –
 A consciência os persegue, e suas obras devoram-nos:
 Não mais audazes, indolentes se desfazem
 Em prantos, medo vil e molesta preguiça: 395
 Eis o que vês. Mas nossa ajuda achará o rumo.
 Da memória do vate há muito conhecida,
 Junto à funda mudez da noite estígia, longe,
 Se acha a pátria ciméria, ignorada dos deuses,
 Trevosa em sítio escuro, aonde o sol jamais 400
 Envia a flâmea biga, ou Jove, o curso de astros.
 Calam-se as copas; a vernal imóvel mata
 Treme no monte. Abaixo, há a gruta, o andar
 de sombras,]
 O fragor último do mar, os vastos campos
 Em negro medo e, após silêncio, as vozes súbitas! 405
 Co'espada e em negras vestes ali Celeno estando,
 Ao erro expia o inocente e, redimido,
 Recita o canto que serena irados manes.
 Ele mostrou-me as oferendas que p'r'os mortos
 Se deviam e abriu, propício, a noite e o Érebo. 410

²⁰ As Fúrias.

Quando acender, assim, o sol as ondas púrpuras,
 Une-te aos nautas e duas reses sacrificá
 Aos grandes deuses. Já me é ilícito seguir-vos
 Enquanto cumpro, pela noite, os lustrais votos.
 Eis que Latona move o frio carro: sus! 415
 Te afasta e que se cale a praia à tua empresa”.
 O sono da alta noite à terra já ocultara
 E pelo mundo silencioso voavam sonhos
 Enquanto o Ampícida²¹, observando vigilante
 Do culto o tempo, busca o Esepo²²
 em bosques próximos] 420
 E segue o rio até às ondas do oceano.
 Ali, co’o mar purpúreo e a linfa viva e bela
 Anima os membros e se aplica a horríveis atos.
 Com vide e súplice oliveira cinge as tēmporas
 E, espada em punho, risca a praia; ergue ao redor 425
 Humildes aras a ignoradas divindades
 E com folhagens as sombreia. Quando fez
 No sítio o pio medo e a sagrada quietude,
 Invoca o sol brilhante sobre o ardente mar.
 Os argonautas, com insignes armas várias, 430
 Iam levando as reses de douradas testas.
 O délio sacerdote, ao longe, em vestes alvas
 Acorre e chama, e se detém no novo túmulo
 Guiando, co’o laurel, a mansa tropa. Ao rito
 Os leva e instrui a desatar primeiro as tiras 435
 Dos pés; com folhas verdes manda ornar as comas,

²¹ Mopso.

²² Rio da Mísia.

Ordena erguer as mãos ao fêbeo sol nascente
 E, ao mesmo tempo, se prostrar por todo o campo.
 São imoladas negras reses: parte é pêlo,
 Mas a outra parte, ao lado, Ídmon distribui. 440
 Três vezes guiou os mudos passos; três, tocando
 As vestes e armas dos heróis, lançou p'ra trás,
 No mar, as lustrações; o resto as chamas ardem.
 Os troncos de carvalho e as efígies dos homens
 Dispõe, em culto, e liga os falsos armamentos. 445
 P'ra ali invoca as ameaças do Estige
 E a ira do sangue: que os remorsos acometam-nos.
 Co'expiação canto roga: "Parti, mortos
 Cessai a raiva inesquecida. Haja-vos paz
 E amor à plaga estígia; longe de nós sede, 450
 Longe do mar, e retirai-vos das batalhas.
 Que eu não vos queira aproximar das gregas urbes
 Nem a ulular nas encruzadas, p'ra que a peste
 Ou o tempo mau não venha às messes e aos rebanhos,
 Que o povo ou filhos estes atos não expiem". 455
 Depôs no altar ramado as sumas oferendas,
 Libou e, presto, mansas cobras as colheram –
 Servas das sombras, com as línguas dardejantes.
 Ordena o Ampícida embarcar, sentar nos tostes
 E não volver a vista à terra: que olvidassem 460
 Da mão os feitos e o que ao Fado se devera.
 Alegres, uns ajustam armas, outros cobrem
 Com toldo o alto convés. Ouve-se o som dos remos
 Estrepitosos e a união das ledas vozes.

Qual quando Jove, do Cerâneo²³ a urgente nuvem 465
 Arreda e afasta da montanha e, de repente,
 O mar e as rochas fulgem, volta o claro céu,
 Assim os ânimos retornam. Já na popa
 O piloto balança e por firmar se esforça.
 Eurito, sem o manto, e Idas, não temendo 470
 Dos ditos de Talao, a disputa iniciam;
 Animam-se os demais e erguem, co'o peito as águas.
 Há igual labor no urro e no empuxo, e revolvido
 A remo, ao mar invade a nau. Gritou, contente
 O Alcides: “Quem chama ao embate estas
 correntes?”] 475
 E, enorme, a alçar-se sobre as ondas encrespadas,
 Golpeou o peito com o remo que partira-se.
 Derrubou, ao cair, Eribote, Talao
 E Anfião, que longe a salvo cria-se do imenso;
 Teu banco, Ífito, a cabeça suportou. 480
 Nas arcadas do céu, já Febo vicejara
 Ardente, e o meio dia as sombras afastara.
 Lento, sem força humana, Tífis guiava o barco
 À praia, que conduz da mata mísica aos montes.
 Por grandes olmos busca o Alcides, segue-o Hilas, 485
 Que se atrasava pelos passos desiguais.
 Quando, no sumo empíreo, Juno o vê da nau
 Baixado, ao crer que é tempo de fazer-lhe mal,
 Trama enganar a Palas – guia de seu curso
 E amiga de aflições – e do irmão afastá-la 490
 Para que não ocorra atraso em seus projetos.

²³ Montes do Epiro.

Então, assim lhe diz: “Por força iníqua expulso
 Pelo bando do irmão, bem sabes com quais crimes,
 Já Perses²⁴ armas move, e as insígnias hircânicas.
 Por seu turno, se alia Eetes aos reis da Cítia 495
 Por pacto nupcial. Ligeiro, o genro Estiro
 Conduz à porta albana²⁵ as tropas reunidas.
 Grande guerra! O Gradivo atíça as montarias.
 Tamanha nuvem vês se erguer por sobre Arcto?
 E quanta água escura encontra-se suspensa? 500
 Toma caminho. Quando houver Perses cruzado
 Os limites do Fase e marchado à cidade,
 Os projetos ultima; urde, um pouco, demoras
 Por arte e planos teus. Garante virem reis,
 Filhos de deuses, a quem unam povo e armas”. 505
 Embora a virgem aflições e ardis perceba
 Na madrasta, que em rosto afável escondia-os,
 Rapidamente acede e parte para a praia.
 Juno geme e, afinal, interrompe o silêncio:
 “Ó trabalhadeira, ó ser invicto aos ódios meus. 510
 De ameaças cansada, em qual fera nemeia
 Ou lérnea confiarei²⁶? Eu vi o herói lutar
 Co’o monstro frígio, abrindo ao mar vencido Pérgamo.
 Agora, irmã de reis, que honor dos povos tenho?
 As afrontas, há muito, e iniciais dissabores, 515

²⁴ Filho do Sol e irmão de Eetes.

²⁵ Albânia: região entre o mar Cáspio e a Cólquida, ao pé do Cáucaso.

²⁶ Dois dos monstros vencidos por Hércules: a Hidra de Lerna e o Leão de Neméia.

De algo serviram? Quanto o Fase e a Éea afastam-se!
 Porém, se ao tênue espectro resta algum cuidado,
 Que sejas, peço, alma presciente do porvir
 Do céu e guies o piloto de tua nau”.

Tendo assim dito, viu só ossos entre os lumes. 55
 “Único alívio resta em praias estrangeiras”,
 Diz, “que esta terra não aparte as caras sombras
 Nem que urna ou tumba guarde os ossos separados –
 Mas juntos, como, pela sina, ao mar viestes”.

Os homens juntam presto os resto e os pranteados 60
 Nomes. Então, erguem de viva leiva um túmulo
 Verdejante, e Jasão confia a Lico as cinzas.
 Tristes hesitam quanto à mão que mais segura
 Reja o navio. Anceu e Náuplio logo o pedem
 Mas o carvalho⁴, instruindo o Fado, chama a Érgino 65
 E aos remos voltam os pilotos derrotados.
 Como um touro que obteve o mando do rebanho,
 Vai ele ovante e todo amor e honras recebe.
 Por prima vez, assim contente, o condutor
 Põe-se no curso, porque a noite clara mostra 70
 O Norte certo. A proa já agitara o mar
 E, co’âncora na popa, alonjara da terra.
 Passou depois, soprando o Noto, da Aquerúsia⁵
 As tristes praias, e o Calícoro⁶ famoso
 Pelas orgias – fé não vã: Lieu nessa água 75
 Do sangue oriental lavou os sujos tirsos.
 Lembrastes dele, Águas, ainda agora, após

⁴ O Carvalho do monte Dodona, dotado de dons proféticos.

⁵ Triste por ser ali uma das entradas dos Infernos.

⁶ Rio da Paflagônia.

As lutas nos confins, no rubro mar movendo
 Inquietas danças e trombetas, a cingir
 Os chifres úmidos com fitas, qual quisera 80
 Vê-lo a Beócia Tia e o infeliz Citerão.
 No entanto, a torpe Fama voa aos fins do inferno
 E o enche com loas aos mortais, a repetir
 Que um mar se lança ao Ponto e as Ciâneas se
 escancaram.]
 Querem erguer as faces ávidas aqueles 85
 A quem toca a piedade ou, êmula, a Virtude.
 O fado é imóvel: um apenas nessa praia
 Oculto enviam ao espetáculo da turma:
 É Estênelo⁷ quem vai. Como o vira a amazona
 Com as suas armas quando o Alcides o inumou, 90
 Assim brilhou, na praia, erguendo-se da tumba.
 Fulgem as ondas qual se o Sol no céu se erguesse
 Ou nuvens sacudisse. A sombra, apenas vista
 Pelos heróis, a negra noite a levou logo;
 Que ao Caos, dolente, retornou. Enquanto Mopso 95
 Os prodígios admira, ao longe vê o túmulo
 E, a cobrir-se co' um véu, libou com vinho as cinzas;
 Também encantos que aos espíritos aplacam,
 Num rito, o Odrísio⁸ entoa e toca enleando a voz
 A soante lira – o que deu nome àquela praia. 100
 Mais longe, a nau recebe os ventos; o Crobíalo
 Foge, e o Partênio – a ti negado pelo fado,
 Tífis – que mais que aos outros rios ama a Trívia,

⁷ Pai de Eristeu, companheiro de Hércules na luta contra as Amazonas.

⁸ Orfeu.

Inda mais grato que a materna onda do Inope.
 Logo, a serra de Crona e o sombrio Citoro 105
 E tu, Erítia, indo a nau lesta, submergis.
 E o céu a noite já trazia: o alto Carâmbis
 Margeiam, n'água treme a sombra da Sinope
 Que, rica, abraça o golfo assírio⁹ – antes ninfa
 Aos divos rogos insensível, que zombara 110
 Do amor de Jove: pelo ardil da deusa amada
 Decepcionaram-se não só Hális e Apolo.
 Deu-lhes, então, a Boa Sorte, companheiros:
 Deileonte, Flógio e mais Autólico, que as armas
 Seguiam de Hércules – e a errância ali os levara. 115
 Ao verem grega tropa e a nau Pelasga, céleres
 Correm à praia e suplicam que os aceitem.
 Se alegra o capitão com o vir dos novos nomes
 Que, de per si, aos vagos remos acorreram.
 Ficam p'ra trás o Hális, o Íris sinuoso 120
 E o Termodonte, que no mar co'estrondos lança-se –
 Rico em despojos, rio a Marte consagrado.
 Corcéis a Virgem deu-lhe e as achas prometidas
 Quando voltou em grão triunfo pelo Cáspio
 Trazendo o Medo e o Massagete – é vero o sangue, 125
 Seu pai é um deus! Daí os nautas mais adentram
 O mar; o aviso de Fineu não desprezando,
 O capitão, porém, aos novos companheiros
 Mirando diz: “Contai-me agora as vitoriosas
 Lutas de Hércules e os vossos próprios feitos 130
 Na márcia costa”. Assim falou e ouviu, silente,

⁹ Os Assírios habitavam a foz do Termodonte.

Magoado o coração, da guerra contra a Virgem
 Que pela prima vez tombara, sem as rédeas;
 Que o pátrio rio, semi-morta, a arrastara;
 Que sem escudo e sem aljava se abalara 135
 Depois que por hercúlea flecha foi ferida;
 Como a Ira e o Pai, que a choraria, estimularam
 A malta armada! Ó que terror, na própria líder
 Que fúria! Que ouro fulgurou no cinturão.
 No fim da noite, das telúricas cavernas, 140
 Ouve-se o insone obrar dos Cálibos: Gradivo,
 Teus camponeses malham armas: soa a causa
 Prima da guerra, que é cruel em todas terras.
 Antes de o ignoto ferro às minas extrair-se
 E espadas dar, os Ódios tristes, desarmados, 145
 As pobres Iras e as Erínias, lento, erravam.
 Do Geneteio¹⁰ Jove as rochas p'ra trás deixam
 E os verdes lagos tibarenos, onde a grávida
 Liga, ao parir, u'a mitra ao homem e o socorre.
 Admirastes também a nau desconhecida 150
 Mossinos; vós, de altos estábulos, ó Mácrones;
 Ó errantes Bízeres e as praias ditas Fílicas¹¹
 Às quais Saturno machucou co'o chifre eqüino.
 No último golfo, o pico hostil de Prometeu
 É visto, o Cáucaso se erguendo no Arcto frio 155
 P'ra onde o dia guiara o Alcides, que deteve-se
 Por sina do Titã e já, com árduo esforço
 A destroçar co'a antiga neve os elos presos

¹⁰ Cabo localizado no Ponto.

¹¹Fílira era mãe de Quíron. Possuída por Saturno sob a forma de um cavalo, deu à luz o centauro.

Arrancara co'a mão do leito a penedia
 Calcando o esquerdo pé. Ressoa o imenso Cáucaso 160
 E, co'o cume do monte, arrastaram-se troncos
 E os ribeirões do mar voltaram. Estrondeia
 Como se Jove sacudisse a etérea arcada;
 Ou a netúnia mão, as terras mais profundas.
 Estremeceram-se o Oceano e toda a Hibéria 165
 Defronte a Armênia, e ante o revolto mar, os Míncias
 As já deixadas Ciâneas temem. Co'o barulho
 Então mais perto, ouvem-se o ferro, o denso esforço
 De aos montes rochas arrancarem-se e o titã
 Vociferando ao ser da penha libertado. 170
 Porém os nautas, sem sabê-lo (quem creia
 No monte o Alcides, ou que houvesse inda esperança)
 Seguem viagem. Vêem apenas, do alto mar,
 Por neve e pedras arrancadas, sacudida
 A praia; no alto, a imensa sombra agonizante 175
 Da ave e os ventos orvalhados de atra chuva¹².
 Mais perto, o Sol ardia o mar e a derradeira
 Luz já mostrava ansiados Colcos aos exaustos,
 Onde, espumante, o grande Fase, ao mar contrário,
 A face arroja. Juntos vêm devida meta, 180
 Sinais recordam, contam gentes; sobem rio
 Co'a nau. No céu, no entanto, Palas coruscante
 E Juno sustam a veloz parelha eqüestre.
 Enquanto o capitão, co'esforço sobe a foz,
 Vê curvos choupos e, a se erguer na verde margem, 185
 Em meio a um monte, do parente Frixo a tumba

¹² Sangue da água que devorava as entranhas de Prometeu e que havia sido ferida pelas flechas de Hércules.

E, ao lado, a irmã, a triste amiga, em pário mármore:
 Mesta, daqui, pelo pavor da cruel madrasta
 Dali, no mar, tocando trémula o tosão
 Parar, então, mandou os sócios e prenderem-se 190
 As cordas como quando entrou nas águas Págasas.
 Erguendo a grande taça co' o sagrado Baco
 Ele, num rito, chama a sombra e diz às aras:
 “Por raça e feitos meus iguais aos teus, ó Frixo,
 Peço que guies e me guardes nestas plagas 195
 Tendo eu sofrido tanto mar e aziagos astros.
 Da pátria terra, Frixo, lembra e sê propício;
 E tu também, oculta em tumba inane e vaga,
 Deusa marinha¹³, ajuda e conta-me entre os teus.
 Quando de novo, sobre ti, serei trazido 200
 E o velo de ouro reverá a infausta Sesto?
 Hospitaleiras praias colcas, e vós bosques
 Revelai onde a rica pele brilha na árvore.
 Então tu, Fase, jóvea prole, em níveo cume
 Nato da arcádia deusa, acolhe em manso curso 205
 Agora a nau paládia; não te faltarão
 Em minha terra dons e altares; veneranda
 Efigie aguarda-te, tão grande quanto aquelas
 Do Inaco e do Enipeu, que em áureo nicho jazem”.
 Disse. Guinando, a nau sem a mão do piloto, 210
 Voltou a proa, em bom presságio, à foz do rio.
 Olhando o mar: “Como prometes, como chamas,
 Nós voltaremos”, diz. Assim, após orar
 Mandou seus homens desarmarem a alta popa.

¹³ Hele, que caíra no mar.

Nas verdes margens dispõem logo, em fila, os dons 215
 De Baco e Ceres, que dão forças nos azares.
 Começa, deusa, ora outros cantos, narra a guerra
 Vista por vós do herói tessálio – não me bastam
 O engenho e a fala. O que levou à fúria e à infanda
 Traição da filha; a nau fremente sob a virgem; 220
 as ímpias lutas nas monstíferas searas;
 e, antes, ainda, a astúcia e os dolos do solígeno¹⁴
 Que mereceu, pérfido, o logro e o abandono
 Portanto eu cantarei. Na Cítia, o velho Frixo
 Findara já a afanosa sina. Em suas exéquias, 225
 No céu surgiram, de repente, prodigiosa
 Chama e um carneiro, os mares todos revolvendo,
 Em grã constelação. Mas o velo de Marte
 Frixo o deixara – um monumento aos seus percalços –
 Preso a um carvalho, qual metal incandescente. 230
 Depois foi visto, em noite escura, como um grande
 Vulto, por tempos, e a lançada voz ao sogro
 Intimidou: “Tu que deixaste-me ficar
 Em teus domínios, ao fugir da pátria em busca
 De assento e, dando a filha, genro me fizeste, 235
 Luto e desastres de teu reino a ti virão
 Quando roubado o velo e o bosque adormecido.
 E mais, Medeia que, a Diana ora sagrada,
 Castos coros conduz, buscará quaisquer núpcias
 E, no reino do pai, virgem não ficará”. 240
 Disse e, movendo a mão, pareceu entregar-lhe
 O funesto pelame; o falso brilho do ouro
 Correu, então, o ornado forro do alto teto.

¹⁴ Eetes, filho do Sol.

Ele, a tremer, saltou do leito e orou ao pátrio
 Nume e a seu carro, que se erguia na Eéa praia: 245
 “Peço-te, ó Pai, dos meus destinos guardião,
 Onividente, lança agora o teu olhar
 Por mar e terras. Se estrangeira tropa, ou nossa,
 Planeja ocultos dolos, sê meu primo núncio.
 E tu, por quem brilha o tosão na sacra árvore, 250
 Vigia, ó Marte. Que no bosque, armas e trompas
 Soem, e a tua voz se eleve pela noite”!
 Disse-o, e uma serpe, dos caucáseos montes vinda,
 Por vontade do deus enrodilho-se na árvore
 E a tropa grega ao longe olhou. Logo aplicou-se 255
 Em afastar as predições e as ameaças
 De Frixo, e posto ainda nem moça, foi Medeia
 Ao leito do tirano albano destinada.
 No entanto, o deus que sempre avisa co’os augúrios
 Sobre os perigos, a urbe assusta. O sacerdote 260
 Vendo os sinais do mal vizinho, devolver
 À terra Hemônia o aziago e infausto velo ordena.
 Eetes, porém, volvendo n’alma inquieta os ditos
 De Frixo, o nega – não preocupa-se o tirano
 Co’o vulgo, enquanto sua saúde for guardada. 265
 Então, o sucessor do rei – irmão por mãe,
 Perses – o increpa; e como a um líder segue-o o povo.
 O rei, furioso, do alto trono ergue-se em ira
 E os anciãos expulsa. Perses que, co’audácia,
 P’ra si nutrindo já esperança em lábil povo, 270
 Tomou a espada; este fugiu com dura marca
 E todo o Arcto estremeceu-se co’os rumores.
 Mas voltou já com reis e muitos mil à vila,

Porém, frustrado em prima luta, antes as muralhas
 Postou-se. Aquele dia e o outro às tropas deram-se 275
 Para cremar os mortos quando, Marte ausente,
 Chegou à Éea¹⁵ o destinado capitão.
 Condoída a Noite pelos homens e os labores
 Trouxera às terras fatigadas o silêncio.
 Mas Juno e a jóvea Virgem íntimas ideias 280
 E inquietações várias no peito compartiam.
 Primeiro, a virgem diz: “A quem co’a nau nós juntas
 Atacaremos? Em que estado e lutas vês
 Agora os Colcos! Perses e Eetes, desiguais
 Em força, aprestam pugna; a quem ajudaremos?” 285
 E Juno: “Não temas que eu negue acaso os prélios
 Que tanto te agradam; o suor espera a Égide
 E os meus cavalos. Tenho fixa a intenção
 De aliar-me a Eetes. Sei do pérfido caráter
 Do rei, que aos Míncias nenhum prêmio pagará. 290
 Então, eu mesma tramarei outros enganos”!
 “Assim o peço, e que eu me ajunte às tuas forças
 Para poder mandar à Grécia”, Palas diz,
 “De volta o Esônio e a nau que eu mesma construí;
 P’ra triunfante, enfim, dispô-la em nosso céu”! 295
 Em honra aos homens isso os deuses preparavam.
 Nunca mais triste, noite alguma tanto aos Míncias
 Passou-se em medo. Embora o Fase descoberto
 E o mar das Ciâneas amansado, nada, então
 Fora ainda feito; enquanto à régia vila iam, 300
 Ambígua e dúbia inda pendia toda a empresa.

¹⁵ Ilha de Circe.

Porquanto a ilha parta o Danúbio em dois braços.
 Já há muito, a nau Pagásea e os Míncias permanecem
 No ancoradouro. Ali, co'a frota imiga, o herói
 De Eetes sitia o acampamento dos Tessálios, 380
 Mas, impaciente, não tem chance de lutar:
 Noites e dias, entre as vagas, se enfurece,
 Até que os planos da Satúrnica se acertaram
 E seus cuidados algum termo à guerra acharam.
 Porém, os Míncias, desejando o fim das lutas, 385
 Com preces e rumor importunam o Esônide:
 Por que os mantém presos em prol de uma estrangeira?
 Por que os obriga a suportar tantos perigos?
 Antes olhasse as muitas vidas e o destino
 Melhor dos seus – que o não seguiram mar adentro 390
 Nem pela Fúria ou vil amor, mas por virtude.
 Quando a um só foi permitido o rapto e as bodas?
 É tempo, pois: aos gregos basta o velocino
 E, devolvendo a virgem, dar fim aos combates.
 Que os deixe regressar e que em cruenta guerra 395
 Não lance a Erínia¹⁵ a prima luta entre Ásia e Europa.
 Assim fixara o Fado, e Mopso, a tremer súplice
 Vaticinava que esta afronta iria aos netos
 E que um outro raptor¹⁶ no incêndio a expiaria.
 Ele, a gemer, inquieto pelos tantos brados – 400
 Posto que a Lei Divina, os laços conscientes
 Do sacro pacto e as doces tochas a comovam –

Hesita e quer a guerra mas pesa os perigos.

¹⁵ Medeia é considerada uma Erínia, porque seria o motivo de uma guerra.

¹⁶ Páris.

Não mais prossegue contrariando os companheiros.
 Tendo o acertado, aguardam tempo e mar propícios. 405
 Não permitem, porém, que a própria amante o saiba
 E zelam por guardar a triste decisão.
 Contudo, o pobre Amor, que move os veros medos –
 E os vãos também –, lograr não deixa à jovem virgem.
 Embora ocultas, ela sente as artimanhas, 410
 Os sinais da perfídia e o silêncio de todos.
 Pensando em si, sem perturbar-se com as súbitas
 Ameaças, antes só do Esônide aproxima-se;
 P'ra longe o leva e logo diz-lhe estas palavras:
 “Que te falam de mim os jovens fortes Míncias 415
 Noite e dia? Que, enfim, possa eu logo o saber,
 Se cativa não sou da embarcação de Pélias,
 Nem se, iludida, eu sigo donos – é-me lícito
 O vosso plano ouvir. Não temo, fiel esposo!
 Porém, tem compaixão e guarda tua promessa 420
 De matrimônio até chegarmos à Tessália –
 Repudia-me lá. Bem sabes me juraste –
 E não teus. Eles talvez possam voltar
 Atrás, contudo não tens tu o mesmo direito.
 Comigo levar-te-ei: sozinha eu não respondo 425
 Qual mulher má, pois nesta nau fugimos todos.
 Acaso assustam-te as birremes de meu pai
 E meu irmão? Perante u'a hoste maior tremes?
 Pensas que ajuntam-se outras naus e maior tropa:
 Já não confias? Não sou digna dos perigos? 430
 Não mereci teu sacrifício e o de teus homens?
 Quisera que sem ti tivessem alcançado
 A pátria minha, ou que outro fosse o capitão.

Ora regressam e eis que podem me entregar –
 Não há esperança. Escuta, ao menos, meus projetos 435
 E que não cedas ao temor dos companheiros.
 Quem creu que tu podias jungir touros de fogo
 E quem te levaria ao templo da serpente?
 Quem dera meu amor não pudesse por ti
 Tudo fazer, ou titubeasse. Indago agora 440
 O que me ordenas. Ó cruel, calas? Teu pudor 460
 Que ameaça traz? Devia, Esônio outrora bom, 441
 Te implorar súplice – meu pai assim não pensa –
 Ou suportar os meus castigos e a maldade
 De meu senhor?” Isso falou co’a mente em fúria
 Ao que resposta preparava, e deu-lhe as costas 445
 Vociferando. Como a Tíade que Baco
 Conduz a Ogígia e com o Aônio tirso a acerta,
 Tal era a virgem que, a tremer, lançou-se aos montes.
 Foge dos filhos cruéis da terra com suas lanças;
 Apavorada, dos ardentes touros foge. 450
 Porém, se visse, enfim, da Págasas ou do Pélio
 As nuvens, e do Tempe a luminosa bruma,
 Morreria contente. O dia todo, então,
 Passa entre as queixas. Anda só sob as estrelas.
 Qual noite cheia de uivos tristes ela ulula, 455
 Qual ferozes leões que esfomeados rugem
 Ou como as vacas que, perdendo as crias, choram.
 A honra da raça, do avô – o Sol – a grande glória
 E a jovem bárbara beleza desvanecem-se
 Do que era quando ela levou à nau Aônia 461
 O radiante tosão, e pôs-se ovante à proa
 Como outra Palas, entre os nobres nomes gregos.

Jasão hesita ante a ameaça e a ira dos Colcos. 463a
 Pudor, de um lado, e a decisão dos seus, do outro,
 O oprimem, mas tenta afagá-la em seus soluços. 465
 Ele mesmo, a gemer, falando abrandando os ditos:
 “Crês que eu o mereça, ou que deseje, tudo assim”?

Aqui se interrompe narrativa dos *Cantos Argonáuticos*, antes do fim da expedição. Contudo, seguindo a tradição literária do mito, Absirto foi assassinado por Medeia e Jasão, e seus membros foram lançados pelo caminho da fuga a fim de atrasar os exércitos Eetes, que os perseguiam. Depois disso, após os percalços que levam os argonautas aos desertos da Líbia, a nau Argo retorna finalmente ao porto de Iolcos, de onde partiu para o céu, em sua viagem, transformada em constelação.

BIBLIOGRAFIA

- A. Torres-Murciano (2005), “El Proemio de Valerio Flaco – Una lectura retórica”. *CFC (L)*. 79-100.
- D. Hershkowitz (1998), *Valerius Flaccus’s Argonautica – abbreviated Voyages in Silver Latin Epic*. Oxford.
- F. Coulson (1986), “New evidence for the circulation of the text of Valerius Flaccus.” *CPh*. 58-60.
- F. Ripoll (2003), “*Perfidus tyrannus*: le personnage d’Étès dans les *Argonautiques* de Valérius Flaccus”. *IL*. 3-10.
- G. Dumézil (1988). *Le Crime des Lemniennes – Rites et légendes du monde égéen*. Paris.
- H. Casanova-Robin (2004), “Le corps de Médée chez Valérius Flaccus: un élément d’une poétique de la pasión”. *IL*. 3-10.
- J. Mozley (1934), *Valerius Flaccus*. The Loeb Classical Library. London.
- J. Strand (1972), *Notes on Valerius Flaccus Argonautica*. Göttemborg.
- M. Nisard (1868), *Lucrece, Virgile, Valérius Flaccus – oeuvres complètes avec la traduction em français*. Paris.

- R. Getty (1940), “The Introduction to *Argonautica* of Valerius Flaccus”. *CPh*: 259-273.
- S. Moreda (1996), *Valerio Flaco – Las Argonáuticas*. Akal. Madrid.
- V. Ussani (1955), *Studio su Valeriu Flacco*. Roma.
- W. Ehlers (1980). *Gai Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon libros octo*. Bibliotheca Teubneriana Stuttgart.
- W. Garson (1963), “The Hilar Episode in Valerius Flaccus’ *Argonautica*”. *CQ*. 260-267.
- W. Garson (1964), “Some Critical Observations on Valerius Flaccus’ *Argonautica*. I”. *CQ*. 267-279.
- W. Garson (1965), “Some Critical Observations on Valerius Flaccus’ *Argonautica*. II”. *CQ*. 104-120.
- W. Summers (1894), *A Study of The Argonautica of Valerius Flaccus*. London.

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLECÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS LATINOS

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).